

## A REPRESENTAÇÃO DO SERTANEJO NA OBRA “OS SERTÕES”.

Marta Bergamim<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo procura mostrar a representação do sertanejo na obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha. O autor dividiu o seu livro em três partes: A terra, o homem, a luta. Na primeira parte fala sobre as condições de espaço físico em que os sertanejos sobrevivem na segunda, fala sobre as características, as representações em si do sertanejo e na terceira, narra com muita crítica o desempenho de um povo sofrido, retrata a luta, mostra todas as expedições do Exército contra Canudos e a grande resistência sertaneja, que em muitos ataques enfrentou o Exército apenas contando com a coragem. Euclides da Cunha para iniciar a falar sobre o povo do sertão, parte de uma análise sobre miscigenação de que prove o sertanejo e a que dá origem ao povo do litoral, seguindo a teoria de Spencer que parte do pressuposto de que não existe o homem em geral (tese positivista), mas sim o homem circunstancial. Para Spencer, poderemos entender o todo, estudando as partes. Esse paralelo entre o povo resultante de uma miscigenação no litoral e o do sertão, revela muito e facilita para entender melhor essa representação sertaneja que Euclides faz. O autor em seu livro desmistifica a forma de pensar da época que era a de considerar apenas as pessoas de raça branca como representantes do povo brasileiro. Euclides da Cunha mostrou em seu livro “Os Sertões” a mistura de raças que havia no país e a importância de valorizar esse fato para que o Brasil tivesse um povo real, pois os brancos, puros, sem misturas de raças já eram poucos e fadados a desaparecer, terminando assim com toda a representação brasileira. Euclides da Cunha concordava com a tese de que a mistura de raças diferente seria prejudicial, porém admitia que os sertanejos conseguiram mesmo assim, formar uma raça forte, devido ao isolamento do deserto, o que fez com que a mestiçagem fosse uniforme. Considerava sim que a mestiçagem enfraquecia as raças, mas era inevitável. Para o autor, os mestiços do litoral eram degenerados e os sertanejos, atrasados, retrógrados. Porém admitia que em se tratando de sertão, apenas o sertanejo é tão forte e tem as características próprias para se adaptar à região e suportar o martírio da seca. Somente ele conhece os caminhos sertanejos, a terra, suas plantas e animais, conseguindo assim aliar-se a tudo isso e garantir a sua sobrevivência, mesmo que muitas vezes passe o dia com apenas um copo d’água. Essa realidade faz com que o sertanejo seja uma raça rude, sem perder a serenidade.

**Palavras – chave:** sertanejo, sertão, miscigenação, resistência, luta.

**ABSTRACT:** This article intend to show the representation of sertanejo in the book "the Sertões" of Euclides of the Cunha. The author divided its book in three parts: The land, the man, the fight. In the first part he speaks on the conditions of physical space where the sertanejos survive, in second, he says on the characteristics, the representations of the sertanejo and in third, he tells with much critical the performance of a suffered people, portraies the fight, he shows all the expeditions of the Army against Canudos and the great sertaneja resistance, that in many attacks it only faced the Army counting on courage. Euclides of the Cunha to initiate to speak about the people of the hinterland, part of an analysis of the miscegenation that origin the sertanejo, and that gives origin to people of the coast, on the theory of Spencer that there aren't the man in general (positivist thesis), but yes the circumstantial man. For Spencer, we will be able to understand all, studying the parts. This parallel between the resultant people of a miscegenation in the coast and of the hinterland, it discloses very and it facilitates to better this representation of the sertanejo. The author, in the

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências da Linguagem (UNISUL) e professora de Literatura (FAMPER)

book demystifies the form of the think of the time that only considered the people of white race as representative of the Brazilian people. Euclides of the Cunha showed in its book "The Sertões", the mixture of races that had in the country and the importance to value this fact to the Brazil had a real people. The whites, pure, without mixtures of races already was few and predestinold to disappear, finishing with all the brasilian representation. Euclides of the Cunha agreed to the thesis of whom the different mixture of races would be harmful, however admitted that the sertanejos had obtained to form a race strong, because it had the isolation of the desert that madetheestization to be uniform. He considered that the mestization weakened the races, but he believe that it was inevitable. For the author, the mestizos of the coast were depraved and the sertanejos, delayed, retrograde. However he admitted that in if treating to hinterland, only sertanejo is so strong and has the proper characteristics to adapt himself to the e region, to support the martyrdom of dries. He, only, knows the sertanejos ways, the land, its plants and animals. He gets an alliance with everything this to guarantee its survival. Many times it pass the day with only one cup d'água. This reality makes the sertanejo to be a race rude, without losing serenity.

**Key - words:** sertanejo, hinterland, miscegenation, resistance, fight.

## 1.0 APRESENTAÇÃO DA OBRA

Euclides da Cunha, em seu livro “Os Sertões”, analisa cientificamente a geografia do sertão, formação do sertanejo e um acontecimento da época, a luta em Canudos (1896-1897). Incansavelmente tenta explicar e demonstrar tudo o que presencia nessa guerra que ocorreu quando o Brasil tinha como presidente, Prudente de Moraes, cujo mandato foi de 1894 a 1898.

Os Sertões, mostra sem posicionamento do autor, a realidade do massacre cometido pelos militares que exterminaram não só Antônio Conselheiro, líder religioso de Canudos, mas também toda a sua comunidade. Além disso, demonstra a desigualdade de forças e sem dúvida a covardia de um governo que aumentou seu prestígio pelo fato de nem por um momento ter pensado em seu povo. Enfim, Euclides mostra claramente as ironias da História diante da saga dos sertanejos.

Antes de escrever, o autor quis entender melhor os problemas do interior brasileiro e por isso viajou muito para conhecer mais sobre essa parte desconhecida e marginalizada do Brasil. Um aspecto muito importante que o livro traz é a denúncia. Escancara para todo o Brasil, a horrível realidade da guerra, o extermínio de aproximadamente 25 mil pessoas no sertão. Sua obra então antes para ser apenas um romance, tornou-se uma denúncia da crueldade da guerra e assumiu caráter inovador para a época.

No início, Euclides desejava apenas relatar a luta, contar o que vira em Canudos enquanto trabalhava para o jornal, mas não conseguiu manter-se apenas a esse tema e enriqueceu seu livro com denúncias e demonstrações de vários assuntos sobre o sertão nordestino.

...Os Sertões, de Euclides da Cunha, conferem vulto e volume imaginário a um deserto até então ignorado pelos próprios brasileiros. O estilo dramático de Euclides, herdado, sem dúvida, do naturalismo dramático de Michelet nos seus retratos d'Omar ou d'A montanha, transforma essa região remota em protagonista vivo, em algo que se parece com a alma secreta do Brasil. (ROSENFELD, 2006, p.16).

Para abordar diferentes assuntos sobre o sertão, o autor dividiu a obra em três partes:

- A terra: nessa primeira parte, encontra-se informações, sobre a geografia, a geologia e o clima do sertão nordestino;

- O homem: Encontra-se aqui comentário sobre a etnologia brasileira. A influência do meio no processo de formação das raças;

- A luta: Nessa parte, fala-se sobre a guerra em todos os seus detalhes.

Quando o escritor escreveu os primeiros artigos sobre Canudos para o Jornal O Estado de S.Paulo, dizia que a revolta no sertão, cujo o líder era Antônio Conselheiro, não passava de um movimento monarquista, mesmo que não deixasse de demonstrar sua grande preocupação com as péssimas condições de vida que o povo da revolta levava.

Interpretara reação do povo como um foco monarquista, deveu-se a influência que Euclides sofria com informações recebidas. Até então escrevia apenas sobre os dados que chegavam até a ele, depois de passarem por um “filtro” no Rio de Janeiro. (Quem escreve a História de um país são os governantes e não o povo como muitos afirmam). Eram as pessoas interessadas em acabar com Canudos, as filtradoras das informações que chegariam a Euclides.

Muitas informações chegavam distorcidas, ou adaptadas a vontade dos republicanos. O autor conseguiu entender o drama real de Canudos, apenas quando como correspondente do jornal, pode pisar no solo do sertão.

O povo brasileiro apenas conheceu realmente a História da Guerra de Canudos, porque Euclides da Cunha foi até ao arraial, viu de perto a guerra e o massacre em nome de um regime de governo. Percebeu lá, que a revolta não iniciou porque Conselheiro era contra a República e que esse líder religioso, não era o monstro descrito pelas informações vindas dos comandantes das tropas. Vencer o Conselheiro havia se transformado num capricho dos republicanos que já não viam mais os sertanejos como brasileiros, mas sim como inimigos a serem vencidos.

Para Euclides da Cunha, Canudos representa o lado ruim do movimento Republicano, por ter analisado de forma totalmente errada os problemas nacionais. A República interpretou a revolta no sertão como um movimento monarquista que colocava o novo regime político republicano em perigo.

## **2. A FORMAÇÃO DO SERTANEJO**

É na segunda parte do livro que se encontram os sertanejos junto aos demais personagens como, por exemplo, os jagunços e o Conselheiro. O autor remete ao tema do estudo da gênese, da formação do povo brasileiro que resulta do cruzamento entre indígenas, negros e portugueses.

No sertão, essa mistura deu-se mais entre portugueses e índios, dando origem aos mamelucos, porque os brancos quando chegavam ao Brasil, refugiavam-se no interior para viver do que a natureza poderia lhe dar sem que para isso precisassem trabalhar.

Não eram dados ao trabalho por razões culturais. Os brancos que vieram para o Brasil trouxeram negros para trabalhar como escravos, não foram para o sertão, estabeleceram-se no litoral, onde se deu a mistura de raças entre brancos e negros, os mulatos.

HOLANDA (1995, p.57) comenta que a colonização portuguesa era caracterizada pela “ética do aventureiro”, ou seja, pela audácia, irresponsabilidade e vagabundagem. O que os portugueses queriam era a riqueza que custava ousadia e não o que custava trabalho. O autor ainda enfatiza a importância que a colonização portuguesa teve na formação de nossa cultura, pois foi esse espírito de aventura que os trouxe a esse país tão distante, com suas características próprias responsáveis pela formação cultural e política do Brasil. Não

esquecendo é claro da contribuição do índio e do negro como influência na formação de nosso povo.

Por razões da vinda do português aventureiro para o interior, sem escravo e também pelo isolamento e geografia, o povo formado no sertão difere muito do litorâneo. Ambos têm características próprias devido ao fato de serem distintos em relação ao fator físico e social do local que deu origem a sua miscigenação.

Euclides da Cunha analisa a miscigenação de que provem o sertanejo e a que dá origem ao povo do litoral, seguindo a teoria de Spencer que parte do pressuposto de que não existe o homem em geral (tese positivista), mas sim o homem circunstancial. Para Spencer, poderemos entender o todo, estudando as partes.

É difícil traçar no fenômeno a linha divisória entre as tendências pessoais e as tendências coletivas: a vida resumida de homem é um capítulo instantâneo da vida de sua sociedade(...). Acompanhar a primeira é seguir paralelamente e com mais rapidez a segunda: acompanhá-las juntas é observar a mais completa mutualidade de influxos. (CUNHA, 1998, p.153).

No início do século XX, houve grande preocupação quando se tratava de mestiçamento. Isso também refletiu no livro de Euclides da Cunha que defendeu a idéia de que a evolução social está inteiramente ligada ao fator racial.

No livro o autor inicia defendendo a tese: mestiçagem das raças resulta em um ser raquítico que tende a ser cretino. O sertanejo além de ser esse resultado, sofre com a região árida em que vive, o que agrava ainda e faz acrescentar aos seus adjetivos, a apatia. No decorrer do livro, o autor vai se redimindo ao acrescentar características interessantes ao sertanejo e termina por reverenciá-lo como “a rocha viva da nacionalidade”. Revela assim, uma admiração pelo sertanejo.

Euclides em seu livro desmistifica a forma de pensar da época, que era a de considerar apenas as pessoas de raça branca como representantes do povo brasileiro. O autor mostrou em “Os Sertões” a mistura de raças no país e a importância de valorizar esse fato para que o Brasil tivesse um povo real, pois os brancos, puros, sem misturas de raças já eram poucos e fadados a desaparecer. Dessa forma, terminaria toda a representação brasileira.

Não temos unidade de raça. Não teremos nunca. Predestinamos-nos à formação de uma raça histórica em um futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma. Invertamos sob este aspecto, a ordem natural dos fatos. A nossa evolução biológica reclama a garantia de evolução social. Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos. (CUNHA, 1998, p.76-77).

Euclides da Cunha concordava com a tese de que a mistura de raças diferente seria prejudicial, porém admitia que os sertanejos conseguiram mesmo assim, formar uma raça forte, devido ao isolamento do deserto, o que fez com que a mestiçagem fosse uniforme.

O isolamento fez o sertanejo ser um forte quanto a espécie, mas se tratando da maneira de ser, agir, pensar e viver, provocou atraso e conservadorismo a esse povo.

ROSENFELD (2006, p.24) quando comenta um fragmento de conversa sobre a inteligência dos asnos, mostra que apesar de todo o atraso do sertanejo devido a esse isolamento, ele ainda demonstrava continuar muito esperto, vencedor de todas as dificuldades a que está exposto:

Burros, como sertanejos, são ladinos: desenvolvem, em relação ao mundo, aquela inteligência que suscita os enigmas de uma língua desconhecida – eles “desentendem”, “entendem”, lendo-os nos ritmos, nos silêncios e nos intervalos, mais do que nos conteúdos e nos preceitos positivos da experiência das suas andanças.  
ROSENFELD (2006, p.24)

## **2.1 O SERTANEJO NA GUERRA DE CANUDOS**

É nessa parte que o livro retrata a luta, mostra todas as expedições do Exército contra Canudos e a grande resistência sertaneja, que em muitos ataques enfrentou o Exército apenas contando com a coragem.

A guerra começou porque Antônio Conselheiro, um líder religioso, pregava contra a República que dizia ser comandada pelo anti-cristo usando a lei do “cão”, que para eles significava o mal, o demônio. Mesmo com essa rebeldia, não apresentava nenhuma pretensão de comando, de entrar para a política, o que intrigava a muitos. Os sertanejos, seus seguidores, não conseguiam saber nem a diferença entre República e Monarquia, por isso, seguiam quem lhes dava valor em sua terra, já que diante do governo, sentiam-se inexistentes, estrangeiros em seu próprio país.

Os republicanos não toleraram a experiência de independência de Canudos. Os sertanejos comandados pelo Conselheiro, formaram em Canudos uma comunidade com regime social primitivo. Plantavam e criavam animais para o consumo e para vender nas cidades. Tinham dentro do grupo, as pessoas armadas que eram destinadas a fazer a segurança. Tinham sua lei, seus costumes, sua religião e em se tratando das leis da República, nem sabiam o que eram os Impostos. Viviam isolados no mundo de Canudos e seguiam as palavras do líder religioso, do beato Antonio Conselheiro.

O Conselheiro era muito respeitado pelos sertanejos e sabia que podia contar com eles, por isso, sentiu-se seguro para enfrentar os soldados. Enfrentaram em sua simplicidade sertaneja, com paus e pedras uma tropa armada. Por várias vezes desmoralizaram os soldados que vencidos tinham que regressarem famintos e maltrapilhos.

As tropas subestimaram a força dos sertanejos e continuaram subestimando expedições que quando derrotadas, irritavam muito ao governo estadual e federal que se sentiam envergonhados, porque no início da luta, tinham certeza que vencer seria muito fácil, pois tratava-se de um povo fraco, humilde e desarmado.

Mas diante dos resultados, os governantes resolveram dar uma interpretação diferente ao povo defensor da república, visando esconder a vergonha pelas derrotas. Passaram a afirmar que Conselheiro e seus seguidores, os sertanejos, eram uma séria ameaça a ordem estabelecida e ao novo regime republicano, por isso, deveriam ser eliminados imediatamente, antes que causassem mais danos ao país.

Na terceira expedição, os soldados estavam munidos de muitas armas e munições. Tinham certeza que os sertanejos não possuíam o seu armamento. Tudo estava encaminhado para proclamar a vitória. Em Canudos:

As armas dos jagunços eram ridículas. Como despojo, os soldados encontraram uma espingarda pica-pau, leve e de cano finíssimo (...) O coronel César, mesmo a cavalo, disparou-a para o ar. Um tiro insignificante, de matar passarinho.

‘Esta gente está desarmada.’ disse tranqüilamente.(CUNHA, 1998, p. 315).

Mas, algo estranho aconteceu, os sertanejos não responderam ao ataque, apenas correram para esconder-se e alguns até passearam. Parecia provocação:

Toda uma companhia do 7º, naquele momento, fez fogo, por alguns minutos, sobre um jagunço, que vinha pela estrada de Uauá. E o sertanejo não apressava o andar.(...) Era desafio irritante. (...) atiravam nervosamente sobre o ser excepcional, que parecia com prazer-se em ser alvo de um exército. Em dado momento ele sentou-se à beira do caminho e pareceu bater o isqueiro, ascendendo o cachimbo. Os soldados riram. (...) (CUNHA, 1998, p. 321).

Com muito ódio, Moreira César ordenou outro ataque, mas dessa vez que não fosse disparado nem um tiro. Os soldados seguiram as ordens, entraram na cidade para atacar e viraram alvo fácil dos sertanejos que atiravam do alto das torres da igreja.

O comandante então cometeu outro erro, ordenou que entrasse a cavalaria. Esta não conseguia manobrar os cavalos entre as ruas tão estreitas de Canudos. Vendo todos os seus planos sem resultado, resolveu ele mesmo investir contra o povo do arraial. Morria aí o comandante. Derrotados e envergonhados, sem o líder, os soldados retiraram-se de Canudos deixando toda a munição, armas e até canhões de presente a Conselheiro.

A inesperada derrota fez com que o governo usasse incansavelmente a imprensa para transformar Canudos em exemplo maior de séria ameaça a República e conseqüentemente ao país. Monarquistas inflamados, clamavam por vingança e pelo sangue dos seguidores e do próprio Conselheiro. Para isso foi enviada a quarta e última expedição. O massacre.

Em 1897, o general Arthur Oscar começou a montar tropa. Tudo dessa vez, foi muito bem planejado. Erros não seriam admitidos – mas alguns aconteceram e foram criticados. Dividiram a expedição em duas colunas: uma na qual seguiria o general, com dois mil soldados. Sairia de Monte Santo e passaria pela serra do Calumbi; a outra seria comandada pelo general Savaget com 2350 soldados. Partiria de Sergipe e seguiria à Bahia. Levaram muita munição e até metralhadora e canhões, inclusive o canhão chamado de “matadeira”.

Em junho de 1897, consideraram-se prontos para atacar. Assim o fizeram, mas foram derrotados. No final de julho, nenhuma coluna ainda havia tido vitória e perdiam muitos soldados. Aguardavam por reforço para não se entregar.

Em agosto chegaram para reforço três mil homens. Fortes agora, começaram a usar a “matadeira”. Com ela derrubaram o sino da igreja e depois a igreja. O trágico fato para o povo temente a Deus, que lutava rezando, significava que a luta estava chegando ao fim e que a derrota era esperada. Quase um mês mais tarde morreria o líder Antônio Conselheiro.

Alguns resolveram entregar-se e negociar a rendição de 300 mulheres, velhos e crianças, o que não significava toda a população ainda existente. Vários queriam e ficaram para a luta final. Entre os que se renderam estava o auxiliar de Conselheiro, Antônio, o Beatinho. Foi ele quem contou da morte do líder.

“-Bem. E o Conselheiro?”.

“-O nosso bom Conselheiro está no céu.” (CUNHA, 1998, p. 578)

“Explicou então que aquele, agravando-se antigo ferimento, que recebera de um estilhaço de granada atingindo-o quando em certa ocasião passava da igreja para o Santuário, morrera a 22 de setembro, de uma disenteria, uma *caminheira...*”. (CUNHA, p. 578).

Talvez o que Beatinho fez foi um golpe muito bem engenhado. Negociando a retirada das pessoas fracas e famintas que de nada valiam para a luta, os que ficassem teriam mais condições para o ataque. “A crítica dos acontecimentos indica que aquilo foi, talvez, uma cilada”. (CUNHA, 1998, p. 580)

Com a segurança de que seriam poupados, tratados apenas como prisioneiros, os que Beatinho negociara, entregaram-se, mas ninguém sabe o que aconteceu com eles, nem se o acordo de poupá-los foi cumprido. Os ditos prisioneiros de guerra não foram mais vistos, como comenta Euclides da Cunha sobre mais esse horror da guerra:

E de que modo comentaríamos, com a só fragilidade da palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos colhidos na véspera, e entre eles aquele Antônio Beatinho que se nos entregara, confiante – e a quem devemos preciosos esclarecimento sobre esta fase obscura da nossa História? (CUNHA, 1998, p. 586).

Os fortes ficaram para defender Canudos até o fim. Não se renderam até tombar o último defensor. “Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os últimos defensores, que todos morreram.” (CUNHA,

1998, p. 595). Os que tombaram finalizando a guerra, foram: dois adultos, um senhor de idade avançada e uma criança, concluindo que não houve sobrevivente sertanejo.

Após o final da guerra, o líder Conselheiro foi desenterrado. Ele havia sido transformado num monstro que apavorava um povo. Os governantes fizeram com que este estereótipo de monstro fosse criado. Isso pode ser observado no trecho da parte de combate, do comandante da 1<sup>a</sup>. coluna:

...pelo que ordenei que se retirasse daquela cova com todo o cuidado, o defunto, e o levasse para a praça e assim se pode melhor verificar a identidade da pessoa: tendo-se reconhecido ser o do famigerado e bárbaro Antônio Vicente Mendes Maciel (vulgo Bom Jesus Conselheiro), como consta da ata lavrada; mandei-o fotografar para terem certeza de ser ele, aqueles que o conheceram.” (CUNHA, 1998, p. 586).

Assim como foi ordenado, fizeram. Pensaram em guardar a sua cabeça tantas vezes maldita. “Trouxeram depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio. Que a ciência dissesse a última palavra. Ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura” (CUNHA, 1998, p. 588).

Assim como sugeriu Euclides da Cunha, a ciência deu a sua última palavra:

O corpo de Conselheiro foi exumado em 6 de outubro de 1897 em razão de adiantado estado de putrefação, não foi possível estabelecer a causa mortis. No entanto, não havia perfuração de bala no cadáver. A cabeça do beato foi cortada e enviada para a Faculdade de Medicina da Bahia para ser examinada por especialistas. Em tempos lombrosianos, acreditava-se que o estudo de seu cérebro certamente indicaria sinais de anormalidade – quando não as marcas da “criminalidade nata”. Mas o diagnóstico do diretor da faculdade, Pacífico Pereira, do psiquiatra Juliano pereira e do consagrado antropólogo Nina Rodrigues foi frustrante para a imprensa e para o povo. “O crânio de Antônio Conselheiro não apresenta nenhuma anormalidade que demonstre traços de degenerescência. É um crânio normal”, dizia o relatório de Nina Rodrigues, um cientista já acusado de ser racista (BUENO, 2002, p.258).

O autor de Os Sertões chamou aos que lutaram contra os sertanejos e conseqüentemente, fizeram de tudo para denegrir a imagem do Conselheiro, de “Mercenários inconscientes”. Depois de usar esta expressão no livro, faz uma nota para justificá-la, concordando ser estranha, mas mantendo-a, comenta que o seu objetivo ao escrever “Os Sertões” não era o de colocar-se para defender uma das partes na luta, nem sertanejos, nem o

governo. Desejava apenas denunciar um dos maiores horrores humanos, a guerra, que para o autor, ao contrário do que consta nos livros de História, não há vencedores; todos saíram perdendo.

Euclides da Cunha ao analisar cientificamente os sertanejos na Guerra de Canudos, incansavelmente tentou explicar e demonstrar que os adeptos de Antônio Conselheiro não eram criminosos, mas sim, o resultado de fatores históricos, geográficos e raciais.

O autor compreendeu então o conflito que aconteceu entre o povo do sertão e as quatro expedições do Exército. Durante o período que passou em Canudos viu acontecer as maiores crueldades, uma violência que só terminou com o tombar do último habitante de Canudos, que não se rendeu até morrer; um sertanejo, um forte.

Lutaram até o fim, mostrando realmente como é o povo que representa o sertão brasileiro:

O sertanejo é antes de tudo, um forte. Não tem raquitismo exaustivo dos mestiços do litoral. A sua aparência, entretanto, (...) revela o contrário. (...) É desengonçado, torto. (...) Reflete a preguiça invencível, (...). Basta o aparecimento de qualquer incidente (...) transfigura-se (...) reponta (...) um titã acobreado e potente (...) de força e agilidade extraordinária (CUNHA, 1998, p.118-119).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A visão crítica de Euclides da Cunha, ao analisar os fatos da guerra presenciada na região de Canudos, vivida pelos sertanejos, faz com que a obra “Os Sertões” possa ser considerada uma obra literária. O livro tratou da Campanha de Canudos, relatando o contraste entre o Brasil do litoral, que se encontra no início do século XX a copiar modelos europeus, e o Brasil do sertão nordestino que no mesmo século, vive sob estruturas sociais da época do descobrimento, trezentos anos atrasados.

Euclides da Cunha tentou compreender a psicologia do sertanejo e para isso fez um estudo sobre a formação do homem brasileiro. Criticou o pensamento da sociedade da época, que admitia apenas a raça branca como representante brasileira, ao mostrar que o país correria risco de desaparecer por não ter mais representação em pouco tempo, porque a

miscigenação era a realidade vigente e brancos puros, de origem européia legítimos, logo não existiriam mais.

Considerava sim que a mestiçagem enfraquecia as raças, mas era inevitável. Para o autor, os mestiços do litoral eram degenerados e os sertanejos, atrasados, retrógrados. Porém admitia que em se tratando de sertão, apenas o sertanejo é tão forte e tem as características próprias para se adaptar à região e suportar o martírio da seca.

Somente ele conhece e consegue transformar a fauna e a flora da região em sua sobrevivência. Sabe para que cada planta e animal serve e em que pode lhe ajudar. E Em se tratando da guerra de Canudos, somente o povo do sertão poderia ser tão determinado e resistente a ponto de não se entregar, mesmo sabendo não estar em situação privilegiada diante do grande número de soldados fortemente armados.

O sertanejo descrito na obra, sem dúvida é um eterno paradoxo no seu jeito de ser, sobreviver, enfrentar a guerra e a seca. Transforma-se numa raça rude devido a todas as dificuldades do sertão, mas nem assim, perde sua serenidade.

## **REFERÊNCIAS**

BUENO, E. **Brasil: uma História. A incrível saga de um país.** São Paulo: Ática, 2002.

CUNHA, E. **Os Sertões.** Rio de Janeiro: Record, 1998.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil.** 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROSENFELD, K.H.D **Rosa: A obra de Guimarães Rosa e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Tobooks, 2006.